

UNIVERSIDADE PAULISTA

Marcela Juliana Chanan

RA 663795-7

**A CONTRIBUIÇÃO DA ARTE PARA CRIANÇA DEFICIENTE
VISUAL DE 4 A 6 ANOS.**

São Paulo

2006

Marcela Juliana Chanan

R.A 663795-7

**A CONTRIBUIÇÃO DA ARTE PARA CRIANÇA DEFICIENTE
VISUAL DE 4 A 6 ANOS.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de
Pedagogia da Universidade
Paulista como exigência para
obtenção de diploma de
Pedagogia, sob a orientação do
Professor Heinrich Fonteles.

São Paulo

2006

Á todas as pessoas que se empenham e se dedicam a crianças deficientes. E a todas essas crianças que são espetaculares e merecem muita atenção, amor e respeito.

Agradeço a as instituições que me receberam com grande apoio e boa vontade, aos professores que me ajudaram a concluir este trabalho e a minha família.

Professores diferentes, que sejam como faróis para seus alunos; que iluminem o coração e o caminho dos seus alunos com ensinamentos não apenas de conteúdos formais, mas da vida, humanizantes, espiritualizados, contribuindo para a formação de verdadeiros cidadãos. Que possam compreender que a principal missão da educação é ajudar o ser humano a amar, a compreender o próximo, a aprender a conviver, a respeitar, a se solidarizar, a aceitar as diferenças e saber conviver com elas.”

SEJA VOCÊ A MUDANÇA QUE VOCÊ QUER VER NO MUNDO.
(GHANDI

RESUMO

O projeto apresenta a importância das artes plásticas para a criança deficiente visual na faixa etária de quatro a seis anos, buscando aprofundar-se numa pesquisa teórica, abordando a seguinte questão: "Como trabalhar as artes plásticas com uma criança que não possui visão?" A pesquisa também apresenta um caráter de inovação por se tratar de um assunto não muito discutido e por não se encontrar bibliografia em específico. O que existe é prática, empenho, ongs, artigos na Internet, programas educativos, instituições e palestras que procuram por meio da arte dar uma oportunidade e uma nova experiência a deficientes como instrumento de desenvolvimento e libertação. A pesquisa apresenta, em sua consideração uma revelação e uma surpresa, pois presenciar o deficiente visual em contato com a arte gera uma alegria imensa por compreender que essas pessoas são capazes, compreendem e gostam da arte, e precisam do acesso à cultura. O assunto deficiência visual e todas as outras deficiências são pouco divulgados e trazidos à tona na sociedade, atualmente através da mídia observa-se alguns avanços, mas não o suficiente. O preconceito e a rejeição são muito presentes tornando difícil para todos compreenderem é que as pessoas com deficiência são apenas diferentes como todos nós somos um do outro; a real diferença é que para nós ainda é possível camuflá-la.

Palavras-chave: educação-especial, arte, inclusão.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO 1 – A DEFICIENCIA VISUAL	09
1.1 Entendendo o que é deficiência visual	09
1.2 A criança deficiente visual	17
CAPÍTULO 2 – AS ARTES PLÁSTICAS	24
2.1 A arte e a criança	24
2.2 Limitações e estética	30
2.3 O professor e o conteúdo	34
CAPÍTULO 3 – A PERCEPÇÃO SENSORIAL	41
3.1 Desenvolvimento e a educação do tato	41
3.2 Percepção tátil-sinestésico	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
BIBLIOGRAFIA	49
ANEXOS	51

INTRODUÇÃO

A arte e a criança deficiente visual tem uma relação muito importante e quando pensamos nisso logo nos vem a pergunta de “Como poderá ser o trabalho de artes com essas crianças?” E as artes que aqui me refiro é modelagem, colagem, pintura, escultura e desenho. Essa será uma das questões tratadas neste trabalho que mostra a arte de maneira mais livre e simplificada, que não existe uma dificuldade tão grande assim e que o necessário é paciência, atenção, informação e criatividade do professor.

Pensando um pouco mais sobre isso me vem outra pergunta: “Qual a contribuição da arte no desenvolvimento da percepção sensorial tátil da criança deficiente visual?”.

É preciso dar oportunidade para que essas crianças sintam prazer em produzir arte, em se expressar e a criar. A arte é uma porta de entrada para sociedade e o deficiente visual precisa de incentivo, de vencer seus obstáculos e de apostar no seu potencial.

O estudo apresenta a criança deficiente visual no universo da arte, abordando questões que orientam o professor a como elaborar atividades significativas que desenvolvam o sentido tátil e sinestésico da criança, baseado no Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, em artigos e pesquisas retirados da Internet; e em estudiosos como Steve Parker, Samuel Kirk e outras bibliografias distribuídas pelo Ministério da Educação e Cultura, tornando possível a realização deste estudo.

É positivo para o professor, para criança, para família, para comunidade enfim para toda sociedade que o trabalho com deficientes comece desde cedo.

Os prejuízos causados por não acreditar que a criança deficiente visual possa trabalhar com artes é muito grande, a criança acredita que não é capaz e vive se protegendo, não querendo se arriscar com medo de não conseguir, de errar; acreditando que não é capaz de realizar atividades comuns a todos, causando futuramente problemas de ordem psicológico.

CAPÍTULO I

I - O deficiente visual

1.1 - Entendendo a deficiência visual

Hoje em dia, não se usa o termo “cego” para definir uma pessoa que tenha deficiência na visão e sim “pessoa deficiente visual”. O termo deficiente visual refere-se desde a cegueira total até a visão subnormal.

Segundo o caderno do MEC¹ explica:

“A visão subnormal ou baixa visão é a alteração da capacidade funcional decorrente de fatores como rebaixamento significativo da acuidade visual que é capacidade de discriminar detalhes com alto contraste, redução importante do campo visual e da sensibilidade aos contrastes e limitação de outras capacidades”.

A definição de visão subnormal é a pessoa que tem uma certa incapacidade de enxergar com clareza suficiente para contar os dedos da mão a uma distância de três metros, trata-se de uma pessoa que conserva resíduos de visão. Até pouco tempo o subnormal era tratado como “cego”, não se levava em conta a existência de resíduos visuais, a pessoa aprendia tudo exatamente como se fosse uma pessoa cega, sendo que ela distingue vultos à claridade e objetos a pouca distância, é como se fosse uma visão embaçada.

A pessoa com visão subnormal usa ou é potencialmente capaz de usar a visão para o planejamento e/ou execução de uma tarefa. O importante é aproveitar ao

¹ MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA. Secretaria de Educação à Distância. **Deficiência visual**. Disponível em < <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me000344.pdf> > acesso em 20/05/2006

máximo esse potencial da visão subnormal, pra que ele a utilize bem no seu dia-a-dia em atividades da sua vida cotidiana e de lazer.

São desenvolvidas técnicas para se trabalhar o resíduo visual assim que constatada a deficiência melhorando sua qualidade de vida. Temos também os auxílios ópticos como óculos, lupas etc., são lentes especiais geralmente de alto poder que se utilizam do princípio da magnificação da imagem (aumento da capacidade do olho de ver os pequenos detalhes), ajudando o portador de baixa visão a esse reconhecimento e também a criança de ter melhores oportunidades educacionais.

Algumas lentes que possibilitam o aumento das imagens:

- Para perto: lupas manuais, lupas de apoio, régua de leitura, óculos esférico-prismáticos, óculos de magnificação e lupa eletrônica.
- Para longe: telulupas – utilizadas para a observação de lousas, assistir à televisão, reconhecimento de ônibus ou pessoas.

Segundo o caderno do MEC² explica:

“A cegueira que é a perda total da visão pode ser adquirida ou congênita. Quando a perda da visão é adquirida, o indivíduo nasceu com o sentido da visão e o perde mais tarde, guardando as imagens, luzes e cores que conheceu sendo muito útil para sua readaptação assim ela tem consciência do que não está vendo, quem nasce sem a capacidade da visão já não pode fazer essas associações, pois não tem nenhuma memória visual sendo assim, não possuindo lembranças”.

A visão é um importante canal do ser humano com o mundo exterior, assim os cegos precisam recorrer a algumas estratégias para que consigam andar pelas ruas

² MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA. Secretaria de Educação à Distância. **Deficiência visual**. Disponível em < <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me000344.pdf> > acesso em 20/05/2006

e identificar os lugares por qual estão passando, como reconhecer o calçamento das ruas ou saber por onde estão passando utilizando sua audição e seu olfato como uma referência, surpreendendo muitos que possuem a visão normal.

Os sentidos fundamentais do corpo humano - visão, audição, olfato, paladar e tato - são os chamados “cinco sentidos” que nos propiciam o relacionamento com o ambiente.

O chamado campo visual é uma área que nossos olhos vêem, que se estende de um ombro ao outro de desde a testa até a cintura. É importante saber como é a estrutura do olho e como funciona o olho sadio, para melhor compreender a deficiência.

A seguir PARKER (1992: p.6,7) apresenta a explicação da estrutura do olho humano. O globo ocular tem a forma de uma bola. Sua camada externa chama-se esclerótica, é feito de tecido branco, resistente e fibroso, é o que chamamos de “branco do olho”. A frente, no centro do olho, a esclerótica se torna transparente e permite a passagem de luz, essa área é chamada córnea.

A córnea é coberta por uma membrana chamada conjuntiva, também transparente. A conjuntiva produz fluido e juntamente com as glândulas lacrimais, mantém a frente do olho limpa e úmida.

Internamente à esclerótica há uma fina camada, de cor vermelho-escura, chamada coróide, cujos vasos sanguíneos alimentam as diversas camadas do olho. A coróide apresenta células pigmentadas que absorvem a luz, impedindo-a de ser refletida de volta a camada do olho sensível a ela. Na frente do olho, a coróide se transforma na íris. No centro da íris há um orifício chamado pupila, por onde a luz passa para o interior do olho.

No interior da coróide existe outra camada, chamada retina, a qual contém células que detectam a luz e a transformam em impulsos nervosos. Estes impulsos são carregados pelos nervos que atravessam a parte de trás do olho até o nervo óptico, o qual vai para o cérebro.

No local onde todos os nervos se juntam e saem do olho, não existem células retinianas, sensíveis a luz. Essa área, onde a luz não é detectada, é conhecida como ponto cego.

O globo ocular é dividido em duas câmaras. A frontal, atrás da córnea, contém um líquido claro chamado humor aquoso. Ao fundo dessa câmara esta a íris; atrás dela, o cristalino. Este é transparente e focaliza a luz na retina. A câmara atrás do cristalino, que constitui a maior parte do globo ocular, contém uma substância gelatinosa chamada humor vítreo.

Na figura abaixo segue o corte do olho humano, mostrando as principais estruturas envolvidas na visão.

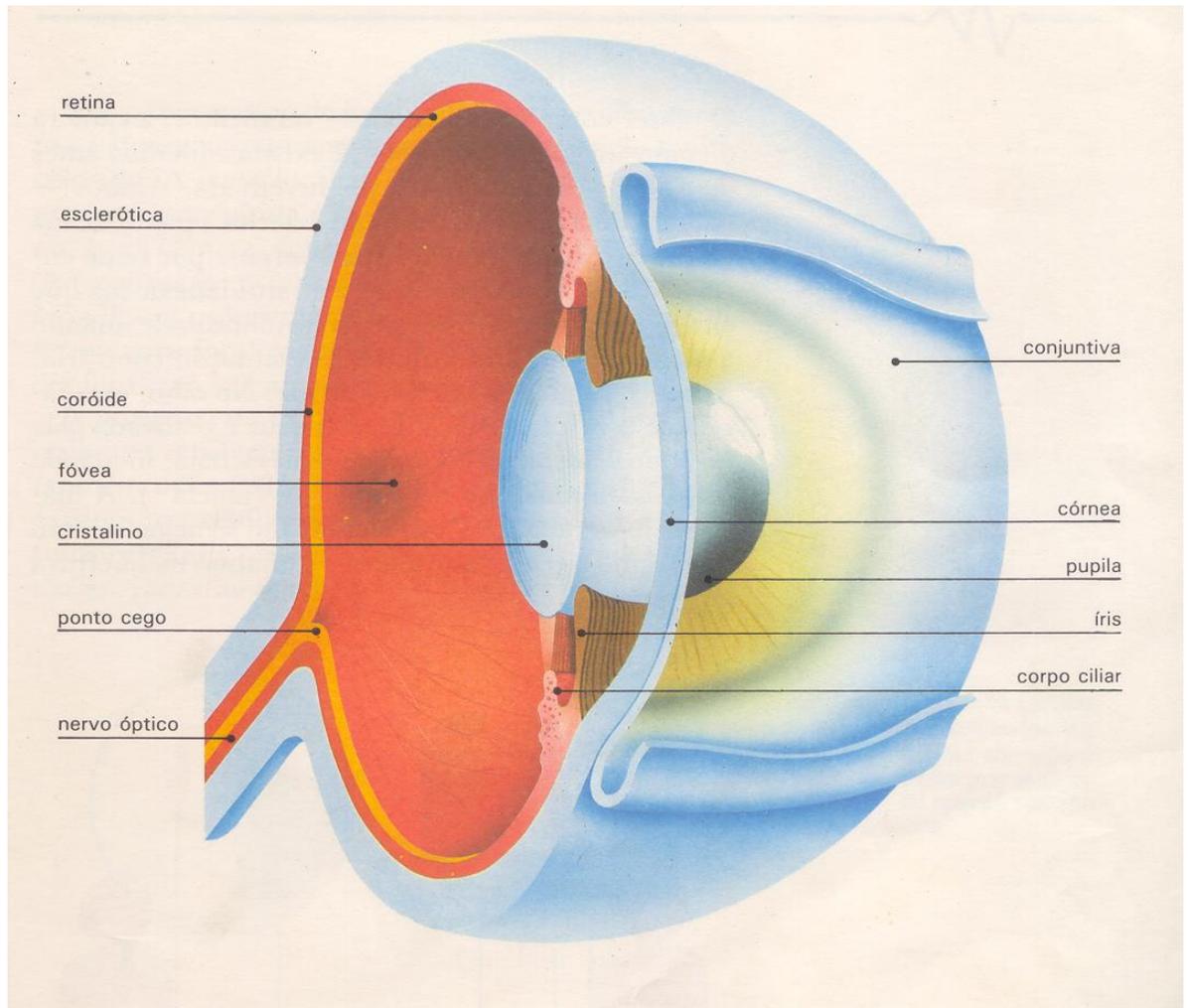


Figura 1 (PARKER, Steve. **O olho e a visão**).³

PARKER (1992: p. 8,9) explica como acontece a experiência de ver:

O olho tem sido comparado a uma máquina fotográfica, como esta, o olho humano tem um diafragma, a íris, é a parte colorida do olho que se expande e se contrai para regular a quantidade de luz admitida pela pupila (que é a “janela” da câmara onde é controlada a entrada de luz). Atrás da íris encontra-se a lente do cristalino (na câmara é a lente que focaliza os raios de luz formando uma imagem nítida e clara), que focaliza sobre a retina (o filme da máquina) a luz refletida dos objetos em uma linha de visão.

³ Figura retirada do livro **O olho e a visão** (PARKER, Steve/ 1992:p.7)

No funcionamento da câmera, a luz entra através da lente, essa focaliza a imagem de cabeça para baixo no filme que esta na parte de trás da câmera. No olho humano, a luz entra através da córnea, passa através da pupila e do cristalino, e a imagem é focalizada, de cabeça para baixo, na retina.

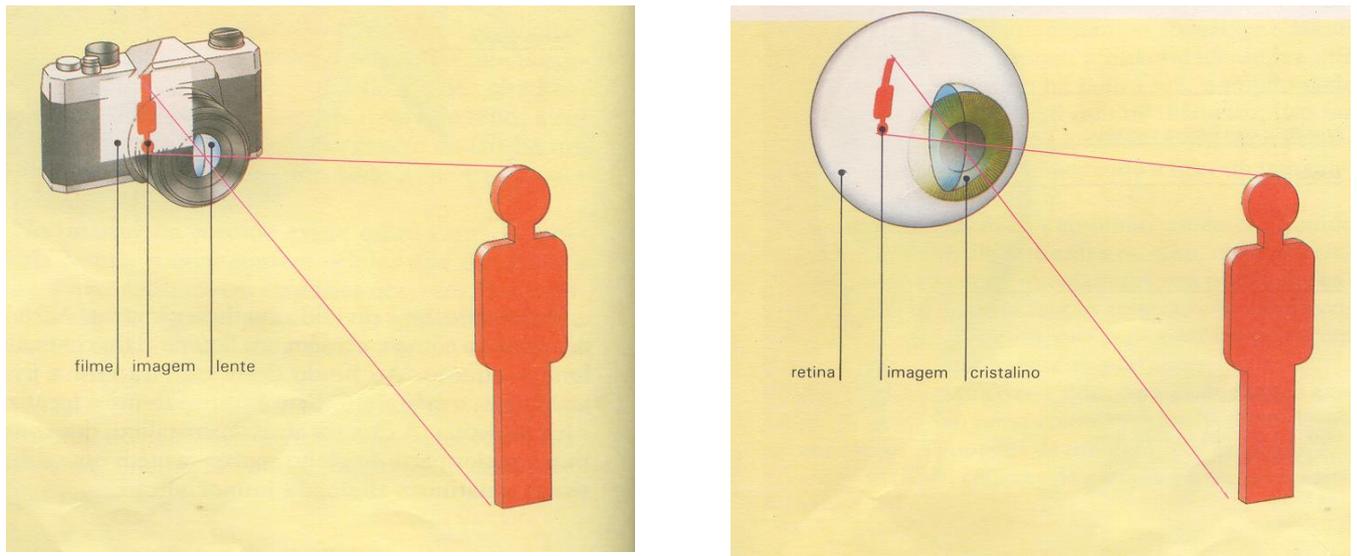


Figura 2 (PARKER, Steve. **O olho e a visão**)⁴

A imagem na máquina fotográfica é registrada nos produtos químicos sensíveis a luz, presentes nos filmes. O olho usa substâncias químicas fotossensíveis que existem nas células da retina, transformando a luz em imagens elétricas, enviadas ao cérebro, configurando assim a experiência de ver.

As causas da cegueira e de outras deficiências visuais são várias e normalmente as pessoas são mal informadas e não sabem que algumas doenças mesmo sem estar diretamente ligadas à visão também a prejudicam, e quando isso acontece se torna uma grande surpresa, que até poderia ter sido evitada.

Segundo KIRK (1996, p.187)

“Essas causas estão em amplas categorias, incluindo doenças infecciosas,

⁴ Figura retirada do livro **O olho e a visão** (PARKER, Steve/ 1992:p.8,9)

acidentes e ferimentos, envenenamento, tumores, doenças gerais e influência pré-natal, inclusive a hereditariedade. A hereditariedade ainda é a causa principal da deficiência visual, são mais freqüentes que doenças e acidentes. Uma outra causa é a rubéola, se as mães forem afetadas nos primeiros meses de gravidez, as crianças podem nascer com deficiências múltiplas. As doenças como diabete, a sífilis, o glaucoma e a ceratite, são as mais comuns, mas condições ambientais também influenciam”.

Dentre as causas congênitas, destacam-se os fatores mais freqüentes: gestação precoce, desnutrição da gestante, drogas em geral, álcool, infecções durante a gravidez.

Existe alta incidência de deficiência visual severa associada à múltipla deficiência, em nosso meio, em vista da falta de prevenção (vacinação de meninas contra a rubéola) o que evitaria o nascimento de crianças com catarata congênita, surdez e deficiência mental.

O funcionamento defeituoso dos músculos oculares cria alguns problemas como a miopia, estrabismo, astigmatismo, ambliopia, hipermetropia, que não constituem necessariamente deficiência visual, mas na infância devem ser identificadas e tratadas para que não interfiram no desenvolvimento e na aprendizagem.

A tabela abaixo apresenta as principais patologias oculares que mais afetam a visão da criança.

<p>Toxoplasmose Ocular Congênita: Doença infecciosa causada por agentes transmissores que estão presentes nas fezes do cachorro, gato, aves e na carne de porco. A mãe infesta-se durante a gravidez e pode passar para seu filho.</p>
<p>Glaucoma Congênito: Aumento da pressão interna do olho. A criança apresenta aumento do globo ocular, muita sensibilidade à luz, lacrimejamento e coceira. A cirurgia deve ser decidida o mais depressa possível, pois a perda visual pela hipertensão é rápida na criança. Nos casos mais avançados, existe o perigo de perfuração. Pode ser hereditário ou adquirido por infecções.</p>
<p>Catarata Congênita: Opacificação do cristalino, desenvolvido logo após o nascimento. Pode ser ocasionada por rubéola, infecção durante a gestação, hereditária ou por trauma durante o parto. Conforme a intensidade da catarata, a cirurgia é indicada nas primeiras semanas de vida.</p>
<p>Doenças hereditárias: Albinismo, Anomalias na Retina, Córnea, Íris, Mácula, Nervo Óptico e Altas Miopias.</p>
<p>Retinopatia da Prematuridade: Ocorre em bebês prematuros expostos à aplicação de oxigênio ou por imaturidade da retina em virtude do parto prematuro. Provoca o aparecimento de uma massa fibrosa na região da retina que pode levar ao seu descolamento.</p>

Tabela 1 (Fonte: FUNDAÇÃO DORINA NOWILL PARA CEGOS)⁵.

Segundo material produzido pela Fundação Dorina Nowill para cegos, é possível evitar problemas de visão se forem tomados alguns cuidados básicos e necessários. Várias medidas podem ser tomadas para evitar doenças, infecções ou traumatismos oculares:

⁵ Informações retiradas do cd-rom da FUNDAÇÃO DORINA NOWILL PARA CEGOS. A criança de baixa visão na escola. Curso de 25 a 29/07 de 2005.

- Fazer aconselhamento genético em caso de casamento consanguíneo.
- Seguir corretamente o pré-natal, para identificar doenças que causam cegueira ou visão subnormal no feto.
- Realizar exame oftalmológico no recém-nascido sempre que for observada qualquer alteração ocular como: olhos muito grandes, lacrimejamento intenso, mancha branca na menina dos olhos etc.
- Vacinar periodicamente a criança para evitar doenças que possam causar problemas visuais.
- Usar medicações e colírios somente com indicação médica.
- Deixar fora do alcance das crianças produtos de limpeza e objetos pontiagudos, fogos de artifício e plantas tóxicas.
- Tratar as inflamações dos olhos e infecções da garganta e nos dentes.
- Procurar um médico ao entrar cisco ou fagulhas nos olhos. Não esfregar e não retirar com a ajuda de objetos caseiros.
- No trânsito, crianças no banco traseiro.

Crianças com problemas de visão devem receber tratamento e orientação o mais precocemente possível. Para o desenvolvimento de um trabalho adequado, deve-se procurar profissionais especializados na área da deficiência visual.

1.2. - A criança deficiente visual

Segundo informações do site Bengala Legal⁶ explica:

“A criança que nasceu cega não sabe o que é ver. Nem tão pouco sabe que está privada de algo, que lhe falta qualquer coisa. E não se aperceberá disso

⁶ Informação disponível em < <http://www.bengalalegal.com/crianca.php> > acesso em 22/07/2006

durante bastante tempo. Não sabe que é diferente dos outros, portanto é tão feliz como qualquer outra criança. Até se aperceber de que não vê, pode ter-se tornado uma pessoa feliz, que encara a vida como qualquer outra criança”.

Entre as crianças deficientes visuais, existem as cegas que não enxergam nada e as com baixa visão, sendo que algumas têm a percepção da luz e utilizam-se dela para se orientar, outras podem perceber o que é claro e o que é escuro e delinear algumas formas.

Segundo a Secretaria de Educação Especial⁷, a baixa visão apresenta diferentes condições visuais:

Acuidade visual reduzida – dificuldade para ver de longe, precisa sempre se aproximar dos objetos e pessoas, mesmo que utilize recursos ópticos. Gerando dificuldades como desenhar, escrever, identificar cores e objetos.

Campo visual restrito – é quando a criança possui uma restrição, a criança normal tem o campo visual de 180° na horizontal e na vertical, o que pode acontecer, por exemplo, é a criança não possuir o campo visual na vertical, ela não conseguir enxergar o que está ao seu lado, precisando virar a cabeça para ver. Dependendo da restrição pode prejudicar sua locomoção e orientação no espaço.

Visão de cores e sensibilidade aos contrastes – é uma alteração visual no qual a criança é incapaz de distinguir determinadas cores como verde, vermelho, azul, marrom, outras distinguem cores vibrantes com luminância, há crianças que podem ver objetos, formas e letras com bastante contraste (preto/branco, roxo/verde, amarelo/azul). Deve-se pesquisar quais cores despertam o interesse da criança e com as quais podem visualizar melhor.

⁷ SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. **Educação Infantil - Saberes e práticas na inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização - Deficiência visual.** Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/educacao%20infantil%208.pdf>> acesso em 05/08 /2006

Adaptação à iluminação – algumas crianças com baixa visão podem apresentar sensibilidade exagerada à luz, gerando desconforto visual. E outras pelo contrário necessitam de muita iluminação para melhor enxergar.

A criança deficiente não é muito diferente das outras crianças, as necessidades são as mesmas, afetiva, física, intelectual, social e cultural. Essa criança tem talento, direito à infância, ao lúdico e precisa fazer as mesmas coisas que as outras, brincar, passear, conhecer pessoas, fazer amigos, ir à escola, dentre outras necessidades comuns. Ela precisa de amor, carinho, compreensão, paciência, educação, disciplina e diversão, o fato dela não enxergar não a faz menos carente de tudo isso.

A deficiência não compromete a criança intelectualmente, o que pode acontecer é que algumas podem ser mais lentas na execução de certas tarefas. Desde cedo essa criança deve ter a oportunidade de conviver em ambientes que favoreçam a construção do vínculo, trocas afetivas e sociais favoráveis, um ambiente de aprendizagem significativa, que atenda as suas necessidades. A criança não precisa de piedade e sim de oportunidade para desenvolver suas possibilidades e talentos.

Por apresentar deficiência sensorial, essa criança tem necessidades específicas, caminhos e formas peculiares de apreender e assimilar o real. Necessitam de tempo para vivenciar e organizar suas experiências, aprender e construir conhecimentos.

Para quem convive com uma criança cega é importante saber que se deve tratá-la com a mesma cordialidade e atenção dispensada às outras crianças, será necessário da parte do adulto, mais imaginação, paciência, entender suas limitações, disponibilidade de tempo, mas a forma de atuação é a mesma.

A aprendizagem e o comportamento da criança cega dependem da audição, do tato, do paladar e do olfato, desde cedo ela aprende a utilizar seus sentidos com maior grau de eficiência do que as outras crianças. A criança utilizará seu corpo todo para aprender sobre o mundo, é a partir de estímulos a esses sentidos que ela conseguirá entender a si própria e o seu papel no mundo.

Os cinco sentidos da criança deficiente visual tornam-se muito importantes. A criança com baixa visão possui visão residual necessitando de receber estimulação visual, de forma integrada às demais funções: sensório-motoras, cognitivas, psicoafetivas e sociais. Assim, a criança será motivada a usar o resíduo visual com eficiência nas atividades lúdicas, de vida diária e na locomoção, garantindo, futuramente a sua autonomia, independência e adequação social.

Já a criança cega necessita totalmente do sentido tátil-sinestésico, recebendo assim informações completas e confiáveis. O tato associado a sinestesia, às sensações térmicas e à percepção básica permite à criança deficiente visual o reconhecimento, a localização e a discriminação do seu corpo e dos objetos que a cercam, estabelecendo, assim, uma efetiva interação com o seu meio.

O sentido da audição é muito importante para o deficiente visual manter um bom contato com o meio ambiente, aprender a se localizar e discriminar diferentes sons para que ele possa adquirir pistas e pontos de referência que irão facilitar a sua orientação e mobilidade. O necessário é uma estimulação sonora significativa, a associação do som deve ter um respectivo significado, evitando respostas repetitivas e automatizadas, tão prejudiciais à utilização da informação auditiva como meio de aprendizagem.

Desde cedo, a criança deficiente visual deverá ser orientada a desenvolver e utilizar ao máximo o sentido do olfato. A identificação, discriminação e localização de

odores variados (alimentos, remédios, flores e outros) permitem ao deficiente visual maior domínio do ambiente, bem como prevenindo situações de risco - cheiro de gás gasolina, fumaça, queimado, dentre outros.

O paladar é também um sentido importante para o desenvolvimento global da criança cega. A percepção gustativa lhe permite reconhecer, discriminar e selecionar alimentos com os principais sabores: doce, amargo, salgado, ácido e outros.

Muitas crianças cegas não têm a oportunidade suficiente, e necessitam mais do que outras de receber tudo o que poderem dar-lhes, facilitando seu desenvolvimento global.

Segundo informações retiradas do portal do MEC⁸, segue algumas sugestões para conviver com uma criança deficiente visual levando em consideração que a criança pode ser cega ou com baixa visão:

- Deve-se evitar a superproteção, pois a criança precisa de liberdade e espaço para agir, explorar o ambiente e desenvolver a espontaneidade e autonomia. Além disso, pode-se se tornar um adulto inadequado e não aprender a se virar sozinho;
- As inadequações de comportamento, birras e agressividade não devem ser justificadas pela ausência da visão;
- Na comunicação, fale de frente para que a criança possa olhar para quem esteja falando com ela. Em grupo, fale seu nome quando se referir a ela, pois não pode perceber a comunicação visual. Podem-se utilizar naturalmente palavras e termos como ver, olhar e perceber;

⁸ SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. **Educação Infantil - Saberes e práticas na inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização - Deficiência visual**
Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/educacao%20infantil%208.pdf>> acesso em 05/08 /2006

- As crianças cegas ou com baixa visão podem apresentar ansiedade, insegurança e tensão diante de situações novas e pessoas desconhecidas. Podem também se desorientar em ambientes ruidosos;
- É importante que a criança visite a escola ou instituição, conheça a professora, seu nome, sua voz; de forma semelhante, conheça os colegas, seja apresentada a todos, possa tocá-los para poder conhecê-los fisicamente;
- Nas mudanças de ambiente ou ausência de pessoas que estão com a criança, ela precisa ser avisada com antecedência para poder antecipar a mudança ou separação das pessoas;
- Ao apresentar uma pessoa ou objeto à criança com baixa visão, aproxime-se dela à altura dos olhos para que ela possa identificá-lo. Os objetos devem ser apresentados à criança que não enxerga, no dorso da mão, permitindo que ela possa aceitar ou rejeitar o que está sendo tocado;
- Não há necessidade de planejar atividades específicas só para ela, podendo incluí-la em todas as atividades desenvolvidas com as outras crianças, com pequenos ajustes e adaptações;
- A Inclusão significa poder participar ativamente de todas as atividades com as outras crianças, em grupo;
- Converse com a criança sobre sua deficiência e sobre o que elas podem ver ou não podem ver bem;
- Os alunos com visão subnormal deverão trabalhar olhando para os objetos e para as pessoas;

- Seja realista nas expectativas do desempenho visual da criança, encorajando-a sempre ao progresso, incentivando-a para que não traga a si mesma que não consegue as coisas porque é deficiente visual;
- Esteja ciente da diferença entre nunca ter tido boa visão e tê-la perdido após os dois anos; e da importância do tato em grande parte do processo de aprendizagem.

Quanto mais normalmente tratada a criança, mais integrada ela se tornará e se sentirá capaz para fazer o que quiser. A criança que participa, que se socializa, que se sente inserida no contexto, que tem experiências e oportunidades e se aproveita de tudo isso, torna-se um jovem bem resolvido e um adulto com postura, pronto para viver e se aceitar nessa sociedade que ainda é preconceituosa.

CAPÍTULO II

II – As artes plásticas

2.1 – A arte e a criança

A arte é uma forma de linguagem, de expressão e comunicação humana, presença constante no contexto da educação, juntamente com a cultura nas suas diversas manifestações e expressões são promotoras do desenvolvimento humano e inclusão social.

A inclusão por meio do conhecimento das linguagens é importante por representar alternativas de comunicação e de expressão a alunos com necessidades educacionais especiais

A construção artística da criança é elaborada ao longo de sua vida, suas experiências e emoções, sua relação com a produção de arte, os objetos e com seu próprio fazer. Assim colocando significado sobre seus conhecimentos artísticos.

A aprendizagem da arte é realizada por meio do fazer artístico, da apreciação e reflexão.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de arte (2000):

“A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, intuitivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo às Artes Visuais”.

Existem algumas opções específicas para deficientes visuais, para que obtenham contato com a produção artística, o desenvolvimento da criança deve-se apoiar tanto na produção, no fazer artístico, quanto na prática reflexiva do aprender, articulando a ação, a percepção, a sensibilidade, a cognição, a imaginação, a

intuição, a sensação, o sentido, a realidade e o pensamento. Lembrando que esse desenvolvimento deve acontecer de uma forma integrada, favorecendo o desenvolvimento da capacidade criadora, portanto deve-se respeitar e valorizar a maneira de cada um, suas particularidades, pois, cada indivíduo é diferente do outro.

Segundo o RCNEI⁹ (1998) explica que o processo de aprendizagem de artes leva a criança, a criação e construção individual, envolvendo escolhas, experiências pessoais, relação com a natureza e motivação. A criança aprende a ter prazer e dominar o seu fazer artístico a partir do momento em que a criação é um ato exclusivo dela, mesmo que o professor tenha uma ação intencional e educativa.

A educação em artes visa formar crianças sensíveis ao mundo e conhecedoras da linguagem da arte. Enquanto a criança cria também brinca de faz-de-conta e utiliza-se de sua imaginação, ampliando sua forma de sentir e pensar sobre o mundo.

As atividades em artes plásticas apresentam diferentes materiais para o uso, mostrando às crianças, as diversas formas de utilizá-los, transformá-los, construindo e reconstruindo novos elementos.

A relação da criança com as artes, inicialmente se estabelece por meio da exploração sensorial e da utilização em brincadeiras. A representação bidimensional e tridimensional nasce do contato com novos materiais, no fluir da imaginação e no contato com obras de arte.

As artes plásticas para a criança deficiente visual devem ser entendidas também como uma forma da criança liberar suas inibições que a impedem de desenvolver-se normalmente. A criação artística levará a criança a obter algo que será difícil obter na vida cotidiana, ela construirá e entenderá o mundo em que vive.

⁹ RCNEI – Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil

Essa criação acontecerá através da síntese de imagens, essa habilidade adquirida fará com ela cresça mentalmente e emocionalmente, transferindo e canalizando seus sentimentos e desejos por meio da expressão artística.

O cego tem uma perspectiva de valor e sua representação tem relação com o meio que tenta reconhecer e a arte lhe permite elaborar novas composições, propondo um olhar diferente sobre a realidade, assim eliminando barreiras e fugindo do padrão pré-estabelecido.

A realidade representada pelas crianças deficientes visuais se constrói a partir do contato que eles têm com os objetos em estudo, é importante que eles tenham o máximo de oportunidade de conhecer tudo o que lhe é possível, novas sensações trazem novos sentimentos e estimula o desenvolvimento de suas potencialidades, para que se sintam motivados e interessados a aprender. Respeitando e garantindo o direito da criança com deficiência visual a arte.

O deficiente visual tem a necessidade de poder dialogar com o mundo exterior, demonstrando interesse e vontade, sendo suas mãos e sua mente que lhe permitem um livre passeio pelo mundo dos signos.

A criança deficiente visual é produtiva e criativa, é muito importante o rompimento de paradigmas, que criam barreiras para que a arte se desenrole e passe fazer parte da vida desses indivíduos, com o objetivo de estimular o desenvolvimento do potencial criativo. Interagindo com a arte a criança se torna produtora e apreciadora da cultura.

Sobre esta temática o RCNEI (1998) explica:

“O trabalho inovador de Viktor Lowenfeld acreditava que a potencialidade criadora se desenvolveria naturalmente em estágios sucessivos desde que se

oferecessem condições adequadas para que a criança pudesse se expressar livremente”.

É importante que o profissional realmente esteja interessado nesse trabalho de amor, carinho e aprendizagem, não se enganando e nem aos outros.

A criança é um ser humano como outro qualquer que sofre as dores e as delícias de ser no mundo, vivendo em um contexto histórico, social, político e cultural e interagindo com eles.

A arte precisa abrir mais espaço para o público especial, incluí-los nas programações artísticas não só as especiais, mas nas comuns também, a sociedade ainda confunde a deficiência com a incapacidade, é importante que as crianças tenham oportunidades, se sintam inseridos na sociedade, pelo seu talento e não por piedade.

Os desafios são muitos e favorecem ao desenvolvimento intelectual e sensorial das crianças deficientes visuais, aumentando a sua capacidade de relacionar-se com o meio cultural, social e familiar.

Com a arte é possível que a criança amplie suas relações com a vida, conquiste sua auto-estima, desenvolva seu auto-conhecimento, seu desenvolvimento artístico e expressivo, contribuindo para sua formação integral. A criança pode lidar com realidade, mas, jamais corresponderá a uma verdade única e absoluta, cada ser tem seu jeito de ver, entender e sentir a realidade, ela faz parte de um mundo de idéias.

È importante para criança deficiente visual, libertar o gesto criador através do contato com a arte e suas linguagens, conviver com o novo e com o construir. Ela aprende a se expressar - através da arte, a conhecer outras formas de ser e agir, a

enfrentar suas limitações. Com essa nova atitude os pais se surpreendem, ao perceberem o espírito de humanidade e responsabilidade de cada um.

Quando a criança inicia a arte ainda pequena é muito favorável, pois, uma vez desenvolvida essa capacidade, o deficiente visual poderá desenvolver outras, que estão apenas adormecidas no seu inconsciente.

A deficiência não impede o indivíduo de se manifestar, seja qual for a deficiência o bom é incentivar, é incluir a criança num novo contexto, na sociedade, como uma criança capaz de gerar olhares criativos e instigantes sobre a arte, traduzidos em obras que surpreendem pela qualidade e capacidade, já o que nunca viu, cria um mundo particular, porque ele também vive, resgata o mundo visual ou outro cria. O aluno se expressa buscando formas de lidar e de transformar a realidade, a partir da imaginação e da fantasia.

Alguns recursos didáticos são importantes para proporcionar o acesso as noções básicas da linguagem plástica, como o acesso a museus, galerias e exposições, a dificuldade está em o aluno não ter outra forma de visitá-los, senão através da escola, a alternativa de trazer a imagem até a sala de aula é um recurso importante para viabilizar um primeiro contato, com o acervo da arte.

A visita a Pinacoteca do Estado de São Paulo é um rico passeio, pois eles atendem o público especial, assim os deficientes visuais, por exemplo, fazem a leitura com os dedos, tentam descobrir o que é, ele cria uma imagem, compara de alguma forma com algum outro referencial que ele tinha e tem a impressão do que ele acredita ser.

A Pinacoteca do Estado de São Paulo tem um importante trabalho com os deficientes, o projeto possibilita que um deficiente visual, toque em esculturas expostas, imagine uma pintura por meio de reproduções, como maquetes em relevo,

descrições ou escrita em braile. No caso de pessoas com deficiência visual, as maquetes possuem, além de textura e cheiro, e sonorização, também faz parte do material um catálogo adaptado com textos e imagens em tinta e braille, simultaneamente.

A visita inclui educadores como monitores, material didático interativo e a possibilidade de tocar e sentir algumas obras em toda sua essência, essas visitas estão proporcionando uma participação inédita para esses grupos, que além de compreenderem melhor o conteúdo do acervo, podem também ampliar o seu vocabulário artístico a partir de exercícios específicos preparados para eles.

A avaliação dos deficientes visuais que vão a essa visita, pode tanto chegar e estar altamente receptivos, adorar tocar, entender, compreender, perguntar. Há visitas com diálogos muito interessantes, mas também há visitas nas quais as pessoas vêm muito temerosas.

O projeto inclui, ainda, a capacitação de professores, educadores e agora, de diretores e monitores de museus que implementarão o programa para Públicos Especiais.

A arte oferece, um meio valioso de apreciar e trabalhar a forma estética, mediante o sentido tátil. Além disso, a auto-expressão concretizada no fazer, busca na medida em que o deficiente participa, a descoberta de vocações, de forma que esses alunos tenham a chance, de satisfazer uma das necessidades básicas de todo ser humano, a expressão.

No fazer artístico e no pensar sobre a arte o aluno é convidado a situações que o levam a refletir e fazer escolhas, reafirmando que conhece melhor seu jeito de ser, definindo mais claramente os traços de sua personalidade enquanto ser humano, único e dotado de vontade e necessidades próprias.

A criatividade é um potencial que existe dentro de cada um, que precisa ser estimulado com a expressão livre, com seu jeito de ser de entender o mundo, sem padrões pré-estabelecidos. A arte alimenta o espírito também daqueles que não enxergam.

2.2 As limitações e a estética

É importante que o deficiente visual desde cedo se depare com a experiência de compreender o que o cerca, compreender a estética e saber diferenciá-la de simples objetos, reconhecendo que os objetos persistem independentes de sua presença, para que a partir daí no seu cotidiano utilize-se dessa experiência como um caminho para leitura de obras de artes.

A partir das relações que a criança estabelece consigo mesma, com os outros, com a imaginação e com a cultura é que o símbolo toma espaço para reapresentação do mundo.

O julgamento estético é baseado em critérios determinados, consistindo em um problema cultural, pois a concepção de beleza varia de acordo com os valores de cada sociedade. É o caso da total falta de referência do leitor diante de uma obra estética.

Segundo Anais (1996) ¹⁰, a quebra de paradigmas estéticos é um movimento inerente às transformações da humanidade, sugere-se como cada sociedade tem seus valores, a diferenciação de uma cultura para outra é próprio da arte e da

¹⁰ Informação disponível em <<http://www.arte.unb.br/anpap/ramalho.htm>> acesso em 16/10/2006 da autora Sandra Regina Ramalho de Oliveira . O Acesso aos Produtos Estéticos e a Quebra de Paradigmas.

criação estética, e a partir desta compreensão sejam feitas às leituras das mais diversificadas imagens estéticas.

A arte é um meio de conhecimento através dos sentidos. As crianças com deficiência, além de precisarem romper barreiras estéticas precisam também romper as do preconceito, pois a sociedade ainda confunde a deficiência com a incapacidade. Muitas vezes é necessário vivenciar a experiência da perda da visão para que lhe concedamos o seu real valor, fazer uma dinâmica na sala de aula é muito bom, para que as outras crianças compreendam como é ser deficiente visual.

O programa Arte sem Barreiras da Fundação nacional de Arte¹¹ explica:

“A arte do portador de deficiência passa a ser especial, a partir do momento em que ele é um ser com necessidades especiais, dotado de faculdades também especiais e disposto a vencer barreiras aparentemente intransponíveis. A arte não discrimina quem a exerce. Ela mesma ajuda a superar preconceitos quando é praticada e reverenciada por pessoas sensíveis e determinadas a superar a si mesmas. Aí, a capacidade de criação dá um grito de liberdade e realiza uma explosão de igualdade, porque a arte não é deficiente”.

A criança deficiente visual, quando que apresentar sua produção artística, ela quer exibi-la e o que ela espera é ser reconhecida, aplaudida, elogiada, quer se sentir importante e respeita. E ela sendo valorizada passa a abrir as portas da sua consciência e percepção, descobrindo que é capaz de realizar o que muitas vezes é dito “impossível”, utilizando-se de esforço e da luta pelo que ela almeja aprender, superando com o tempo a fase de processo de criação, ou seja, de conseguir representar o que deseja.

¹¹ **Arte sem barreiras.** Disponível em < <http://www.funarte.gov.br/>> acesso em 05/08/2006

Segundo site do IBC¹², a experiência estética se dá pelo contato com as artes que produzem o belo e a apreciação do belo chega ao seu ponto de culminância ocorre na inteligência, então os deficientes visuais têm plena consumação dessa experiência, o problema maior é em relação às artes visuais, mas não em relação ao processo de criação.

Pela própria necessidade dos deficientes visuais muitos acabam obtendo uma experiência estética até mais profunda do que a de pessoas com os cinco sentidos em situação normal.

Para o contato do deficiente visual com as artes visuais, a participação do tato no fenômeno estético é de extrema importância, pois com seu alto poder de diferenciação, o tato atua como se fosse o “olho” do cego, como o tato é um de nossos sentidos ele transmite uma sensação agradável ou desagradável, o prazer estético depende da sua receptividade individual.

No caso das artes visuais, a escultura é uma boa produção a apresentar aos deficientes visuais, pois podem tocá-las, perceber sua forma, treinar a percepção tátil e é muito interessante porque a maioria das esculturas são de corpos o que os fazem utiliza-se da imaginação para tentar descobrir a pose, o que essa pessoa poderia estar fazendo, é possível explorar bastante.

Como o deficiente visual tem suas limitações, a escultura não pode ser muito grande, pois foge do seu alcance manual e se for muito detalhada gera uma dificuldade de identificá-la.

Visitar um museu que recebe público especial, é um passeio sempre interessante afinal a arte é para todos e o deficiente visual pode perceber que as

¹² Informação retirada do site do Instituto Benjamin Constant do autor GANZAROLLI DE OLIVEIRA, João Vicente. **Arte e Visualidade: A Questão da Cegueira**. Disponível em < <http://www.ibc.gov.br/?itemid=105#more> > acesso em 05/ 10/2006.

obras de arte não são inacessíveis a ele, pois elas podem ser interpretadas pelo tato.

Os cegos congênitos, não podem desfrutar das cores, para eles é uma abstração, não tem como identificá-las nem se maravilhar por elas, mas não quer dizer que a criança não possa pintar um quadro, pois o movimento e a sensação é o suficiente para elas poderem aprender como são feitos os quadros, já as crianças com baixa visão algumas enxergam cores fortes e conseguem apreciar um quadro, mas claro não vêem da mesma forma que nos com todos os detalhes e cores, mas é possível também de outras formas, como já citado no projeto da Pinacoteca do Estado de São Paulo.

O deficiente visual sofre de algumas limitações que precisam ser esclarecidas, para que não os limitem de tudo. Além das limitações citadas nos parágrafos anteriores, uma outra, que a deficiência visual impõe ao processo de desenvolvimento e aprendizagem diz respeito ao controle do ambiente, organização e orientação no espaço, algumas crianças com deficiência visual podem apresentar dificuldades adicionais de tônus muscular baixo e equilíbrio, o que pode prejudicar o planejamento da ação motora e também são limitadas a informações e oportunidades de observar, analisar, perceber as propriedades dos objetos, como são, quais suas formas e de que são feitos, que no caso o sentido da visão nos oferece.

Pelo motivo de quem tem visão para começar a aprendizagem da arte passa por um processo de imitação, já o deficiente visual precisa de muito estímulo, no exercício de assimilação dos objetos para que consiga representá-lo, ele precisa do contato mais concreto possível, a experiência estética proporcionada pelo sentido tátil é diferente da experiência daqueles que vêem. Depois de feito isso, a criança

vai representar o que deseja a partir da sua imaginação criadora, fruto da fantasia que o cerca, desse mundo lúdico que ela vive e acredita existir.

Segundo o programa Artes Sem Barreiras encontrado no site da Fundação Nacional de Artes considera:

“A alma, que pertence ao campo imaginal, tem necessidade de ajustar-se ao corpo que a contém e que é o seu suporte de realidade. O que se espera é que pelo reconhecimento do próprio corpo, o portador de deficiência se reconheça harmônico numa relação com os outros e, especialmente, numa relação consigo mesmo. Uma harmonia no sentido de reconhecer-se e de ajustar sua harmonia interior ao exterior, ao conjunto de pessoas que socialmente constituem a sua alteridade. De certa maneira, agir na compreensão de si, no conhecimento e aceitação de si mesmo”.

2.3 - O professor e o conteúdo

Atualmente a questão da inclusão é um dos temas mais relevantes no campo da educação. A escola em que as crianças têm acesso ao reconhecimento de diferentes culturas é inclusiva e multiculturalista, nessa escola existe a aceitação de crianças que apresentem deficiências, beneficiando as demais, possibilitando que as outras crianças, potencializem as suas capacidades positivas, permitindo o aluno lidar com a diferença de modo positivo na arte e na vida.

A prática pedagógica é reavaliada, levando em conta o potencial da criança deficiente, o fato de ela apresentar uma perda (seja ela qual for), e os fatores sociais e culturais do grupo a que ela pertence.

A arte é uma ferramenta para a inclusão social pede inicialmente ao professor, o amor incondicional, pois é dele a responsabilidade da tarefa do ensinar, atuando na construção do caráter de seus educandos.

Segundo V Congresso Nacional de Arte-Educação na Escola para Todos¹³ explica:

“Das ong’s que trabalham com os excluídos, esquecidos ou desprivilegiados da sociedade, todas as que vêm obtendo sucesso têm trabalhado com arte e até estão ensinando às escolas a lição da Arte como caminho para recuperar o que é humano no ser humano”.

O que vem acontecendo e já acontece faz muito tempo é a falta de uma preparação de professores e de pessoas que tenham, comprometimento e leve a arte a sério, porque por mais que o ensino da arte tenha mudado muitos nesses anos todos existem professores e escolas que ainda trabalham com arte de uma maneira ultrapassada e não se preocupam em desenvolver a capacidade criadora das crianças, não existindo um comprometimento com os aspectos cognitivos, sensíveis e culturais, e as reduzindo em um simples copiar o que deseja a professora, a fazer somente da maneira “correta”, modelos estereotipados, enfim, as famosas receitas de ensinar, sem garantir as crianças uma experiência estética, que os fariam entender o mundo que o cerca.

Atualmente, à livre expressão, acrescenta a livre -interpretação da obra de arte como objetivo do ensino, a idéia é de que todos podemos compreender e usufruir a arte. É a ação do professor que tornara a arte um ingrediente essencial colaborando

¹³ **V Congresso Nacional de Arte-Educação na Escola para Todos e VI Festival Nacional de Arte sem Barreiras**, Centro de Convenções de Brasília, 2000. Disponível em <<http://www.arteducacao.pro.br/downloads/anaisvcong.pdf#search=%22eca%20museu%20de%20arte%20para%20publico%20especial%20amanda%22>> acesso em 15/09/2006.

com o desenvolvimento individual e um cidadão que identifique a cultura de seu país.

O papel do professor que tem uma criança deficiente em sala de aula é motivar e organizar interação e formas de comunicação com a criança, integrando-a ao grupo; □planejar, em conjunto com o professor especializado, atividades significativas, lúdicas e funcionais que despertem o interesse da criança; ajudar a criança a realizar coisas que sozinha não conseguiria; ajudá-la a explorar o meio e a brincar ativamente e organizar um espaço de cultura que possibilite a ampliação das expressões e das linguagens da criança. O professor deve ser e estar preparado para diversidade sendo um ser criativo, competente, desafiador, investigador e crítico.

A ação do professor é orientada no sentido de ser mediador na compreensão e execução das propostas apresentadas. Sua interferência facilita o conhecimento cada vez maior a respeito de si mesmos e da arte, valorizando seu papel na sociedade.

Não há uma receita para se trabalhar com cego, é necessário que se verifique o ritmo do aluno, para que o professor descubra suas dificuldades e adapte a melhor forma para que o aluno venha vencer sua limitação. (Algumas sugestões de atividades, vide anexo página 52).

O idéia apresentada sobre aprendizagem de artes é baseado no Referencial Curricular de Educação Infantil (1998), relacionado ao estudo para crianças deficientes visuais de 4 a 6 anos, que estão iniciando ou que nunca entraram em contato com a arte. Considero importante que não haja divisão de objetivos, pois a criança que nunca obteve esse contato, não tem como iniciar uma aprendizagem, estabelecida por idade, além de se tratar de crianças deficientes visuais que muitas

ficam em casa pela dificuldade de colocá-las e/ou adaptá-las em escolas de educação infantil ou pela superproteção dos pais.

Segue tabela¹⁴ sobre o que a instituição deve garantir a aprendizagem da arte à criança oferecendo oportunidades de serem capazes de:

Ampliar o conhecimento de mundo que possuem, manipulando diferentes objetos e materiais, explorando suas características, propriedades e possibilidades de manuseio e entrando em contato com formas diversas de expressão artística.
Utilizar diversos materiais gráficos e plásticos sobre diferentes superfícies para ampliar suas possibilidades de expressão e comunicação.
Interessar-se pelas próprias produções, pelas de outras crianças e pelas diversas obras artísticas com as quais entrem em contato, ampliando seu conhecimento do mundo e da cultura.
Produzir trabalhos de arte, utilizando a linguagem do desenho, da pintura, da modelagem, da colagem, da construção, desenvolvendo o gosto, o cuidado e o respeito pelo processo de produção e criação.

Esse fazer artístico não é tão simples para as crianças deficientes visuais, a aprendizagem é um pouco mais demorada, no caso da cegueira congênita, precisam formar uma noção de espaço e para crianças que possuem baixa visão se torna um pouco mais simples, pois algumas enxergam embaçado e outras enxergam cores, assim identificando melhor os materiais e espaços.

Nos aprofundando um pouco mais, a criança com baixa visão, não precisa de tantas adaptações, mas precisa que os conteúdos sejam tratados de uma forma que ela possa participar e desenvolver todas as atividades. A baixa visão se caracteriza

¹⁴ Informações retiradas do RCNEI (1998; p.95).

pelo deficiente não conseguir enxergar a distância, é preciso que o professor a observe para ver qual a distância que a criança consegue desenvolver melhor uma tarefa, para ajudá-la. Entre as crianças com baixa visão, tem aquelas que enxergam somente se encostarmos o material nos olhos dela ou nariz, as que tem o campo visual restrito e as que enxergam cores também.

Existem também os recursos específicos que ajudam a criança com baixa visão na aprendizagem. Já a criança com cegueira congênita tem a perda total da visão, sua aprendizagem se dá totalmente por meio dos sentidos.

Na aula de artes recomendam-se materiais multisensoriais, ou seja, com alto contraste, texturas e alto relevo para que o aluno tenha a oportunidade de desenvolver, em conjunto com as outras crianças, todas as possibilidades sensoriais, representativas, estéticas e toda sua criatividade. O material utilizado para se trabalhar com a criança com baixa visão deve ser também em relevo e texturas, com alto contraste e variação de figura/fundo.

A criança vai se desenvolvendo de acordo com o que ela vai aprendendo, escolhe o que ela tem maior facilidade para trabalhar e abandona o que fica muito complicado e o que pode acontecer é a criança se sentir incapaz ou desmotivada para trabalhar com determinado material, assim cabe ao professor não deixar essa barreira emocional tomar conta da criança e ajudá-la, adaptando os materiais convencionais.

Cada deficiente visual tem um grau de deficiência, sendo assim pode ser que o que é difícil para uma e fácil para outra. Já na apreciação das artes visuais, fica voltada a leitura de obras em sala de aula e visitas a museus.

O contato que a criança deficiente visual começa a ter com arte faz com que ela expresse seus sentimentos e sua percepção de mundo, ajudando-a formar

conceitos e imagens mentais do que ela não vê e desenvolvendo sua criatividade e senso estético. E para complementar essa percepção de mundo a criança precisa muito de brincar, de vivenciar o mundo da fantasia, do faz-de-conta, desenvolvendo sua imaginação e criatividade, é um estímulo constante.

Na aprendizagem da arte, também se pode trabalhar com a coordenação motora fina e com a mobilidade dos seus dedos e mãos, o que é e será muito necessário para as crianças pelo motivo de mais tarde entrarem em contato com o braille, tendo o desenvolvimento da percepção do tato bem trabalhada, facilitará o processo de aprendizagem e mobilidade para escrever seu nome e para explorar o mundo, trazendo uma sensação agradável e importante para o aprimoramento das suas capacidades perceptivas e organização mental dos objetos do mundo.

As atividades trabalhadas com essas crianças não são tão diferentes das que são trabalhadas normalmente, o que é preciso é entender a deficiência do seu aluno para saber como pode adaptar alguns materiais para que ele desenvolva a atividade com sucesso e que tipo de atividade que o ajuda a desenvolver-se, e assim com a experiência adquirida do seu dia-a-dia, e as idéias vão se ampliando.

Ao propor uma atividade o professor deve estar ciente que a criança já conhece o material e tenha condições motoras para manuseá-lo, que essa exploração já tenha acontecido num outro momento, enfatizando a riqueza de detalhes, formas, texturas, cores (para os que vêem cores) e beleza. Para o aluno cego, a textura é a "cor" do objeto, pois as diferenças percebidas pelo tato fazem um paralelo com as nuances de cor que a lhe proporcionaria.

É no fazer artístico que a criança aprende a explorar e manipular os materiais, reconhecer diferentes movimentos gestuais, cuidar do próprio corpo e dos colegas no contato com suportes e materiais de arte, cuidar e respeitar os objetos e

trabalhos realizados por ele e sua turma, criar desenhos e formas utilizando-se dos elementos da linguagem visual, conhecer os espaços bidimensionais (construídos por superfícies planas) como uma foto, por exemplo; e tridimensionais (estruturas com volume e profundidade) como uma escultura, por exemplo, organizar e cuidar dos materiais e valorizar suas produções e as dos outros.

O trabalho com artes não deve ser uma coisa cansativa, é importante ter um tempo delimitado, para que a criança tenha concentração e interesse suficiente para realizar as atividades.

A mobília da sala de artes, o ateliê ou no caso a própria sala de aula deve ser adequada para o deficiente visual, deve-se percorrer várias vezes o caminho para que ela aprenda a se locomover, não existindo nada de perigoso para seu percurso.

A adequação e a adaptação das atividades para incluir a criança com deficiência visual serão feitas de acordo com suas necessidades e da organização da escola. Sendo indispensável que o professor realize um trabalho em conjunto, no qual os profissionais, a instituição e a comunidade possam se reunir e trocar informações.

CAPÍTULO III

III – Percepção sensorial

3.1 O desenvolvimento e a educação do tato

O sentido do tato tem importantes funções, uma delas é a identificação dos objetos, servindo como um auxílio para aprender a fazer reconhecimentos palpáveis. Sendo necessário selecionar o que apresentar para o deficiente visual, o objeto muito vulgar será fácil reconhecer e ainda existem alguns tão complexos que é preciso verificar se há necessidade mesmo de apresentá-lo. Outra função é a discriminação, que serve para orientação geral, como reconhecer o braille, as superfícies da parede ou chão, realizado através das mãos, pés ou bengala.

Através do jogo podemos estimular os sentidos da criança deficiente visual, ensinando-a a relacionar-se com os objetos. Como saber associar a forma à sua textura e ao seu cheiro, assim terá mais que um canal informativo para a compreensão do mundo. Quanto mais sentidos forem implicados, mais o seu conhecimento será enriquecido. A imagem mental das pessoas, tal como a dos objetos, sempre que possível deve ser completada com experiências táteis, auditivas e ou olfativas acompanhadas de explicações orais.

Para estimular a criança na discriminação tátil, pode ser utilizado diversos tecidos de várias texturas, formas e tamanhos, ou pela utilização de cartões com linhas de vários tamanhos, (feitas com a máquina de costura), até chegar aos cartões com linhas de caracteres braille. Também é positivo que eles digam o que ouvem, cheiram, sentem ou provam.

Para estimulação da manipulação fina dos dedos, peça a criança que realize tarefas de classificação como: separar contas, pregos, clips, apresentando objetos cada vez menores. As tarefas podem ser executadas usando as duas mãos ao mesmo tempo, ou uma de cada vez, reforçando a utilização dos dedos, a criança precisa sentir que não deve aplicar muita força na ponta dos dedos e para tal é preciso que experimente com fios, paus ou linhas, para que sinta a sensação de tocar suavemente.

As informações apreendidas através do tato, são complementadas e enriquecidas pelos outros sentidos.

Quando falamos na percepção sensorial tátil pensamos somente no sentido do tato, mas essa percepção vai um pouco mais do que o simples sentido do tato, essa percepção também é válida para interpretação por meio da exploração sensorial, fornecendo informações do ambiente onde o indivíduo está.

Para que a experiência da criança tenha um significado para ela, é necessário que aconteça de uma maneira tranqüila, respeitando seu desenvolvimento, não adianta apresentar mil coisas de uma vez para ela, esse estímulo ambiental tem que ser regulado. É importante que ela utilize seus brinquedos e jogos percebendo a diferença entre seus brinquedos, coma pelúcia, a madeira, o plástico, a temperatura, o peso, o tamanho, a simplicidade, a simetria. Ela deve ser aguçada desde cedo, com bastante diversificação, aprendendo a discriminar texturas, comparar as semelhanças e associá-las.

Segundo José Alfonso Ballesteró Álvarez (2003)¹⁵ nem todas as sensações táteis são positivas é bom separar o que deve ser levado a criança para que ela

¹⁵ BALLESTERO-ÁLVAREZ, Jose Alfonso. **Multissensorialidade no ensino de desenho a cegos**. In. Importância da percepção tátil-sinestésica para o desenvolvimento da criação artística, São Paulo, 2003, ed. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27131/tde-21032005-213811/>> acesso em 15/09/2006

obtenha experiências positivas e sensações agradáveis, sempre mais do que negativas, é necessário que a criança se desenvolva e esse desenvolvimento seja satisfatório. O tato como sentido corporal tem um componente de afetividade, num abraço ele transfere o afeto, pois ela toca pessoas, animais, plantas, natureza, tendo papel importante para seu desenvolvimento global. A criança deficiente visual deve tocar bastante os pais para uma boa relação, não somente as palavras, mas o toque físico é um fator importante para sua vida assim serão pessoas afetuosas com tudo ao seu redor.

A criança precisa conhecer os objetos do seu jeito, saber como funciona, o que faz com ele, para que serve, as crianças são muito curiosas e precisam aprender para que possa dar-lhes o significado.

É com a interação e relação com as pessoas, com objetos e com o próprio corpo, que ela vai se organizando dentro da relação espaço-temporal e construindo o seu sistema de significação e linguagem.

A arte é uma das experiências que a criança deficiente visual pode ter para auxiliar seu desenvolvimento tátil, explorando esse sentido de uma forma diferente, curiosa e divertida.

Segundo GRIFFIN e GERBER¹⁶, explica que dentro da educação do tato, existe um processo de compreensão e desenvolvimento que se apresenta em 4 fases:

- Consciência de qualidade tátil – a criança inicia essa primeira fase dando atenção no sentido do tato em relação a texturas, temperaturas, superfícies vibráveis e diferentes consistências, é pelo movimento das mãos que ela se

¹⁶ GRIFFIN, H.C. ; GERBER, Paul J. - **Desenvolvimento tátil e suas implicações na educação de crianças cegas**. Tradução Ilza Viegas. Disponível em < <http://www.ibc.gov.br/?itemid=101>> acesso em 25/07/2006

dá conta dos materiais e aprende os contornos, tamanhos e pesos. A exploração acontece desde os movimentos manuais grossos a mais detalhada.

- Reconhecimento da estrutura e da relação das partes com o todo - É com a prática que a criança reconhece mais facilmente um objeto, ela precisa ser muito estimulada para que ao tocar um objeto lembre-se do que é, o que os ajudam muito é encontrar um detalhe no objeto que o faça reconhecer com o contato imediato e para que a criança reconheça as partes de um todo, ou seja, reconheça os objetos no seu espaço, é importante que ela se locomova, explore direções e manipule diversos objetos explorando-os dentro do espaço, realizando atividades que as façam aprender, assimilar e reconhecer.
- Compreensão de representações gráficas – as representações gráficas seriam as formas geométricas tridimensionais e depois de conhecida oferecer a diversidade de tamanhos, depois apresentá-la a representação bidimensional, também existem as representações em relevo, linhas retas e curvas, contornos de objetos, a dimensionalidade e representações táteis com o espaço de locomoção.
- Utilização de simbologia – esse é o passo final da educação do tato, um dos sistemas mais comuns é o Braille, um sistema de pontos perceptíveis pelo tato, que representam os elementos da linguagem.

Essas fases variam em relação ao desenvolvimento de cada criança.

Segundo o caderno da Secretaria da Educação à Distância¹⁷ para deficientes visuais, para entender e avaliar o processo de desenvolvimento da criança com deficiência visual é preciso considerar, entre outros fatores:

- idade em que aconteceu;
- associação (ou não) com outras deficiências;
- aspectos hereditários;
- aspectos ambientais;
- tratamento recebido.

3.2 Percepção tátil - sinestésica

A sinestesia é definida como o sentido pelo qual são percebidos os movimentos, o peso e a posição dos músculos.

O sentido sinestésico é desenvolvido a partir do momento que a criança faz um determinado movimento e passa a repeti-lo varias vezes para que os membros que foram usados acabem por “decorar” esse movimento, o executando mais precisamente nas próximas vezes. Assim esse movimento vai se aperfeiçoando pela prática e cada vez mais os movimentos ficarão difíceis.

A criança deficiente visual precisa desenvolver esse sentido sinestésico, pois cada vez que os padrões de movimentos forem adquiridos, melhor a criança se desenvolverá nesse sentido, é preciso muitas experiências na criança deficiente visual para que ela seja capaz de executá-los sozinha.

¹⁷ SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. **Deficiência visual**. Disponível em < <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me000344.pdf> > acesso em 20/05/2006

É com esse sentido com seu aparelho muscular que ela consegue estabelecer contato com que a rodeia, fazendo com que a criança faça o melhor uso possível dos seus outros sentidos.

O desenvolvimento tátil-sinestésico permite que a criança mantenha atenção para diferenciar semelhanças e diferenças em objetos e poder reconhecê-los. Assim ajudando-a perceber as relações do corpo e posição no espaço, mover-se com segurança e equilíbrio e desenvolver ação funcional. A criança precisa tocar para saber a existência das coisas, formando assim uma representação mental do mundo que vive.

Quando a criança está desenvolvendo o sentido sinestésico num grau que ela já tem um certo controle, é interessante oferecer atividades que favoreçam os mecanismos de combinação e associação mental, a descoberta e criação de novos meios, dando função diferenciada aos objetos, estimulando também a representação simbólica deles.

O tátil e o sinestésico são muito importantes para o desenvolvimento de experiências significativas em todas as crianças. As crianças deficientes visuais se beneficiam com esse desenvolvimento que as permitirão manipular as coisas e aprendendo com maior facilidade. O entendimento visual do objeto é reforçado pela experiência tátil.

Para que a criança desenvolva sua consciência sinestésica é preciso fazer com que ela experimente situações que envolvam movimento, equilíbrio, e objetos com diferentes pesos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresenta um caráter de inovação por se tratar de um assunto pouco discutido e por não se encontrar bibliografia em específico, o que pude trabalhar melhor foi com visitas a instituições, palestras e artigos publicados na Internet. O conteúdo encontrado foi de extrema importância para realização deste estudo, graças a contribuição de muitas pessoas que socializaram artigos traduzidos, que produziram textos de própria autoria, pesquisas e pessoas que delatam suas experiências.

A partir deste estudo considero importante que arte se faça presente na vida da criança deficiente visual e se for possível a inclusão dessa criança numa escola de educação infantil, pois a inclusão favorece a todos os envolvidos, desenvolvendo muitas atitudes positivas.

A arte promove o desenvolvimento do campo pessoal e social da criança, além de despertar o interesse por conhecer, sentir, fazer e criar.

É um elemento essencial de expressão que desencadeia outros como: a sensação, a percepção, o movimento, o pensamento e a linguagem, a intuição e a afetividade, promove a conscientização da organização individual das imagens sonoras, táteis, visuais e sinestésicas, desenvolve a capacidade criadora, amplia o universo cultural, e promove a inclusão.

Considero que a criança, deficiente visual, merece toda atenção e cuidado e dedicação como qualquer outra criança. Ela tem direito de ser criança e aproveitar e ter todas as oportunidades possíveis na sua infância.

Em relação ao professor, o que todos deveriam fazer é em primeiro lugar pesquisar sobre a deficiência, investigando e quebrando os próprios preconceitos e

mitos. Quando o professor entende o que é a deficiência visual, seu trabalho se torna satisfatório, criando um ambiente enriquecedor e lúdico, repleto de sensações e experiências.

O professor é o facilitador desse processo de construção de conhecimento da criança, que lhe dá segurança e oferece estímulos para seu desenvolvimento, acreditando no seu potencial.

O desenvolvimento do tato para a criança deficiente visual é muito importante para que ela amplie sua capacidade de discriminação e reconhecimento dos objetos para melhor se locomover, reconhecer os ambientes e conseguir utilizar-se de objetos corretamente e com segurança. O tato é um componente afetivo necessário a todo o ser humano, principalmente para quem não possui o sentido da visão.

A não educação do tato resulta na falta de curiosidade de tocar, conhecer, experimentar e demonstrar afeto.

A consequência do professor orientado e consciente é uma aprendizagem espontânea, onde existe respeito ao desenvolvimento de cada criança, fazendo com que as atividades de artes tenham um papel fundamental na sua percepção tátil, contribuindo para o desenvolvimento desse sentido.

Bibliografia

KIRK, Samuel. **A Educação da criança excepcional**, 3ª ed., Editora Martins Fontes, São Paulo, 1996.

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais -Volume 6 – Arte**, 2ª ed., Brasília, 2000.

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília, 1998.

PARKER, Steve. **O olho e a visão**. 2. ed., Editora Scipione, São Paulo, 1992.

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA. **Proposta curricular para Deficientes visuais. Manual para o professor. Orientações gerais volume IV**. Brasília, 1979.

FUNDAÇÃO DORINA NOWILL PARA CEGOS. **A criança de baixa visão na escola**. Curso de 25 a 29/07 de 2005

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA. Secretaria de Educação à Distância. **Deficiência visual**. Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me000344.pdf>> acesso em 20/05/2006

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA. Secretaria de Educação Especial. **Educação Infantil - Saberes e praticas na inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização - Deficiência visual** Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/educacao%20infantil%208.pdf>> acesso em 05/08 /2006

A criança cega na idade pré-escolar. Disponível em <<http://www.bengalalegal.com/crianca.php>> acesso em 22/07/2006

Educação Artística: sugestões de atividades para alunos portadores de deficiência visual. Disponível em <<http://www.drec.min-edu.pt/nadv/txt-educacaoartistica.htm>> acesso em 10/09/2006

GRIFFIN, H.C. ; GERBER, Paul J. - **Desenvolvimento tátil e suas implicações na educação de crianças cegas**. Trad. Ilza Viegas. Disponível em < <http://www.ibc.gov.br/?itemid=101>> acesso em 25/07/2006

GANZAROLLI DE OLIVEIRA , João Vicente. **Arte e Visualidade: A Questão da Cegueira**. Disponível em < <http://www.ibc.gov.br/?itemid=105#more> > acesso em 05/ 10/2006

Arte sem barreiras. Disponível em < <http://www.funarte.gov.br/>> acesso em 05/08/2006

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTE . **Caderno de Textos: Educação, Arte, Inclusão Vol. 1**. Disponível em <<http://www.funarte.gov.br/vsa/download/down03/Caderno%20de%20Texto%203.pdf> f>acesso em 15/09/2006

V Congresso Nacional de Arte-Educação na Escola para Todos e VI Festival Nacional de Arte sem Barreiras, Centro de Convenções de Brasília, 2000. Disponível em <<http://www.arteducacao.pro.br/downloads/anaisvcong.pdf#search=%22eca%20mus eu%20de%20arte%20para%20publico%20especial%20amanda%22>> acesso em 15/09/2006

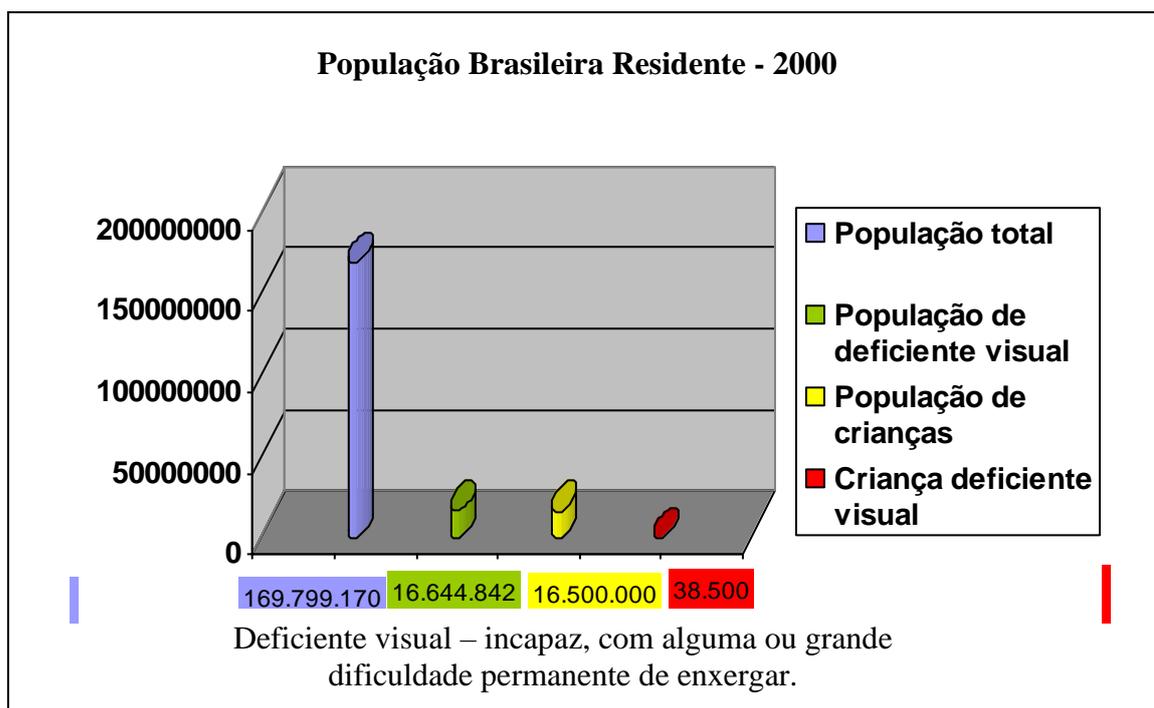
BALLESTERO-ÁLVAREZ, Jose Alfonso. **Multissensorialidade no ensino de desenho a cegos**. In. Importância da percepção tátil-sinestésica para o desenvolvimento da criação artística, São Paulo, 2003, ed. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27131/tde-21032005-213811/> > acesso em 15/09/2006

OLIVEIRA, Sandra Regina Ramalho e. **O Acesso aos Produtos Estéticos e a Quebra de Paradigmas** . Disponível em < <http://www.arte.unb.br/anpap/ramalho.htm>> acesso em 16/10/2006

Anexo

O Brasil, segundo dados da Organização Mundial de Saúde, deve apresentar taxa de incidência de deficiência visual entre 1,0 a 1,5% da população, portanto 1.800.000 a 2.000.000. Destas, cerca de 20% são cegas e 80% possuem baixa visão. Sendo a estimativa da cegueira infantil de uma entre 3.000 crianças e de uma entre 500 crianças para a baixa visão.

Segundo o IBGE¹⁸ o total da população Brasileira residente em 2000 era de 169.799.170 pessoas sendo que 16.644.842 dessas pessoas são deficientes visual e também fornece informações sobre deficientes visuais por região e os valores.



¹⁸ Informação disponível no site www.sidra.ibge.gov.br acesso em 20/06/2006.

Sugestões para atividades¹⁹

- a. colagem como por exemplo, bolinhas de papel que ele mesmo amassa, forma já cortadas em isopor, cartolina, papel camurça, etc (você pode contornar um desenho com barbante para que ele preencha os espaços). [Obs.: para o aluno DV é muito difícil cortar com tesoura, por ser uma atividade que depende muito da visão, por isso as formas devem vir cortadas.]
- b. enfiagem.
- c. pintura com giz de cera em espaços delimitados com barbante (* você cola barbante ou "fio urso" no contorno do desenho, que deve ter formas simples para ser mais facilmente percebido pelo aluno). [Obs.: muitos detalhes e figuras complexas são de difícil percepção pelo ato. Na dúvida, feche seus olhos e tateie o desenho que você fez, para ter noção do grau de dificuldade, e consulte o seu aluno.]
- d. trabalhos com massa de modelar, argila ou barro.
- e. construção com toquinhos de madeira (o aluno vai colando um no outro).
- f. construção com toquinhos, raspas de madeira e serragem sobre uma base de papelão.
- g. construção de formas ou figuras humanas com material de sucata, por exemplo: rolos de papel higiênico para montar um palhaço, cujo olho, boca, chapéu, etc., você já entrega cortado para que ele cole.
- h. atividades para trabalhar com o esquema corporal, por exemplo: contornar partes do corpo no papel (mão, pé), confeccionar um boneco, em tamanho natural, com meias finas, enchendo as meias com bolas de jornal amassado, moldando a forma das pernas e quadril, numa noutra o tórax e braços e numa outra a cabeça; vesti-lo com roupas velhas.
- i. pintura a dedo com tinta guache (você pode trabalhar as cores com ele, ensinando com o que se relaciona cada cor, qual o contraste, a combinação, etc., até para ajudá-lo na escolha do seu vestuário).
- j. mosaico com pedaços de tecido de texturas diferentes.
- k. colagem com flores, folhas e galhos secos.
- l. explorar uma flor natural, mostrando parte por parte e, depois, trabalhar, com colagem, a reprodução de uma flor no papel.

¹⁹ Informação disponível em < <http://www.drec.min-edu.pt/nadv/txt-educacaoartistica.htm> > acesso em 10/09/2006.

- m. confeccionar objetos de formas diversas, com material variado, por exemplo, porta-copo, quadrinhos, etc.
- n. contornar o desenho de um peixe (ou índio, bandeira nacional, etc) com fio, dar as escamas cortadas em papel para que eles colem, explicando cada parte do peixe.
- o. fazer esculturas com colagem de bolas de papel de tamanhos diversos.
- p. desenhar com giz de cera sobre uma folha de papel ofício colocada sobre uma prancheta de madeira encapada com tela de mosquito (o que dá um certo relevo - perceptível ao tacto - ao que ele desenhou).

CHANAN, Marcela Juliana. **A contribuição da arte para criança deficiente visual de 4 a 6 anos**, Monografia (Curso de Pedagogia), UNIVERSIDADE PAULISTA, São Paulo, 2006.